

Quase nada de azul sobre os olhos



Por **DANIEL BRAZIL***

Comentário sobre o romance recém-lançado de Henriette Effenberg

Um rápido passeio pelo cenário da literatura brasileira contemporânea vai revelar um fenômeno típico do século XXI: a multiplicidade de estilos e de formas, enterrando de vez o conceito do século anterior de “correntes” ou “movimentos”. O mesmo ocorre nas artes plásticas ou na música, mas é sempre bom salientar que sintomas já surgiam em meados do século anterior.

A literatura de ficção, especialmente, é cada vez mais contaminada por uma urgência narrativa, fruto da adaptação às novas mídias. Os microcontos, as crônicas de caráter impressionista, a escrita célere e quase sempre superficial, são marcas de uma época em que as formas de comunicação parecem cada vez mais trocar a profundidade elaborada pelo alcance logarítmico de um público virtual.

Algumas obras ficarão, sem dúvida. No mínimo, como retrato de época. A maioria será esquecida, e é bem possível que boa parte dos escrevinhadores não tenham o menor interesse em serem lidos daqui a cinquenta anos, como almejavam os literatos de antanho. Alguns, na verdade, nem querem que seus escritos sejam lidos daqui a quinze dias, pois já estarão velhos. “Escrevo hoje para ser lido hoje, amanhã falarei de outro assunto”, parece ser uma das máximas adotadas pelos “pós-tudo” da *www*.

Por tudo isso, é sempre uma boa surpresa quando encontramos autores que conseguem costurar enredos mais elaborados com linguagem ágil e direta, logrando bom resultado. Henriette Effenberg faz parte desse seleto grupo. Seu romance *Quase nada de azul sobre os olhos* constitui um belo exemplo de escrita que se despe de todos os maneirismos da “velha” literatura, como descrição de cenários ou psicologismos (embora até haja um psiquiatra na trama), e investe em diálogos e ações, reduzindo ao mínimo a descrição de situações e locais.

No primeiro capítulo, uma personagem ainda sem nome tranca a casa, joga a chave fora e embarca para a Europa. Os capítulos seguintes introduzem um elenco onde todos são protagonistas em alguns momentos e coadjuvantes no conjunto da narrativa. A trama interliga todos, com nuances inesperadas. A mocinha pode ser cruel, o marido infalível pode ser descartado, o inútil pode ser um elemento motivador, a mulher forte pode ser um fiasco emocional. A complexidade humana se instaura em poucas linhas, e os conflitos nunca emergem de forma gratuita.

São magistrais os capítulos onde, só através de diálogos, se estabelece a relação entre uma filha cuidadora e o pai com Alzheimer. A princípio podem parecer excessivos, até angustiantes, mas se revelam fundamentais para o desenlace da trama. A autora cria um clima de suspense progressivo, que vai desembocar num final surpreendente.

Final surpreendente? Isso não é coisa do século XIX? A maestria de Henriette Effenberg está justamente em filtrar e incorporar de forma equilibrada os grandes trunfos da literatura clássica, moderna e contemporânea: uma boa história, um desenvolvimento arguto e não-linear, e uma linguagem concisa e coloquial, que incorpora as imperfeições da fala sem prejuízo do conteúdo.

Contista premiada, autora de literatura infantil, a escritora é geralmente apresentada como “feminista”, participante do Coletivo Mulherio das Letras. Independente da carga simbólica do adjetivo, Henriette desnuda de forma democrática homens e mulheres em sua escrita, apontando suas limitações e mesquinharias, seus ódios e paixões, mas deixando

também entrever momentos de coragem e resistência. Não é fácil, não é raso, e não é pouco.

***Daniel Brazil** é escritor, autor do romance *Terno de Reis* (Penalux), roteirista e diretor de TV, crítico musical e literário.

Referência

Henriette Effenberger. *Quase nada de azul sobre os olhos*. São Paulo, Alcaçuz/ Telucazu, 2021, 162 págs.

A Terra é Redonda